



52-2.385



O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

N. 7.

Terça feira 22 de Abril.

1851.

O CORSARIO.

Que noite formosa de luar! Como o CORSARIO se desliza suavemente por entre as ondas azues argenteas, que se enrolam e desdobram aos lados do gume da sua altiva prôa!—Aguia dos mares, tú és um digno companheiro do homem, que sente arder-lhe nas veias o fogo da liberdade!—Como a vida se torna aqui subberba e grande na presença d'este espectáculo sublime e augusto!—O oceano e o céu confundem-se no ceruleo do horizonte, e a lua descreve com seu disco luminoso o verbo immortal do universo, a palavra eterna da criação—DEUS!

Blasfemem os impios, que nunca ouviram levantar-se dentre o murmurio das vagas e o suspirar dos ventos, este cantico d'indesivel harmonia, cujas ultimas notas fazem estremecer ainda ebrias d'amor as estrellas do firmamento! O homem do mar, ajoelha e descobre-se, por que a imagem da divindade é mais visivel aqui, aonde sua colera se traduz no grito das tempestades, e a sua serenidade na placidez da bonança! Duas idéas só representam a vida do marinheiro—DEUS e a Liberdade—o céu e o mar—o perigo e a esperança! Como a alma se dilata, se prende, se confunde neste movimento eterno! Aqui, a natureza palpita nas aspirações do infinito, e o pensamento eleva-se perdido ás regiões

do mysterio! Eu te saúdo, ó noite, por que me fazes meditar—e a meditação não é só um consolo, é uma adoração tambem!!

Navega CORSARIO, navega! *Caminha* pois, ainda que seja contra a opinião do *Montanista*! Desafrontado e livre, vae conhecendo ignoradas praias, e descobrindo novos horizontes! Em cada marco da tua carreira o destino te prepará uma victoria! Vês como tudo fugio diante do teu pavilhão triumphador? Por onde passas deixas apóz ti a devastação e o silencio! Por que tu pugnas por uma causa legitima, e não queimas a escorva dos teus canhões em lisonja d'um idolo falso e mentiroso! Não, a tua divindade não é ephemera, o teu triumpho não podia ser duvidoso! Tu não provocaste nunca, mas venceste sempre! Agora é tempo de partir para a Grecia! Para essa Grecia, que a imaginação reveste de mil sonhos fabulosos, e a natureza fecunda com todos os prodigios da sua criação!! Paiz de Byron e de Phydias! Santuario das artes e da intelligencia, que o genio consagrou em graciosas ficções desde o tempo do velho Homero até á morte do poeta inglez. Lá, guardaremos então os despojos dos combates, nesse templo peregrino, que se eleva n'um bosque d'oliveiras no cimo do monte Ithome, e que o viajante descobre de longe isolado, como um vaso azul no meio dos campos da Mesenia!!



Meditações de um homem do seculo.

III.

Cheguei a casa depois de ter passado a noite n'um baile delirante. — Vesti o meu chambre. — Calcei umas chinellas, que conservo como uma reliquia da antiguidade, por que já eram velhas no tempo do meu avô! — Espereitei o morrão da vella — acendi um charuto d'aquelles que o Desmarais vende por muito mais do que elles valem — cruzei as pernas uma sobre a outra — encostei-me para traz na minha poltrona — e principiei a scimar.

Mundo! Mundo! dizia eu com os meus botões. — Mundo!.. Ora, não estou para pensar mais no que é o mundo! Desde que o conheço sempre a mesma cousa, torto, torto como um arco de *rabeca*!! Mulheres, Champanhe, passeios ao Bota-Fogo — e no fim de contas o... *Montanista*!

Sou um desgraçado! Para mim já não ha esperanças, nem illusões! Estou gasto, cansado, *blasé*, completamente *blasé*! Preciso, quero, necessito de commosões fortes, violentas, abrazadoras, desregradas, delirantes, infernaes! — Vou tomar café! — O café! Bebida deliciosa, magnetismo vegetal — superior, muito superior ao chloroformio! Oh! quem me dêra ter nascido Arabe! Tomar café e fumar — dormir e adormecer. — Que delicia!!! Viver no deserto nos braços d'uma *houry* — aspirar perfumes, embriagar-me em aromas. — Ser monarcha — ser senhor — ser livre! E em lugar de tudo isto... morar n'uma agua furtada — lêr o *Montanista* e o *Corsario* — e viver ao lado d'um camello! Ora, na realidade o Sr. Julião, moço que me faz as vezes do Antonio da *Pacotilha*, é com toda a certeza um verdadeiro camello. Na semana passada mandei-lhe escrever uma carta amorosa ao redactor d'um jornal côr de betarraba, e o homem que não sabe *orthographia* sustentava que *fazedor* não é portuguez, e que o *Montanista* tinha razão! — Ora, esta não lembra ao diabo! — Brigá-mos, fui buscar os dictionarios, nada; cousa alguma é capaz de o capacitar. — Então sahi fóra de mim, (mas sem me tirar do mesmo lugar) e arrumei-lhe dous soccos na boca do estomago! Dous soccos, que resoaram lugubrememente como as passa-

das d'um viajante melancolico, accordando os echos das catacumbas romanas! — A victima deu um gemido, e foi atacado d'uma gastro entrites, que degenerou em parvalheira absoluta — Nunca mais teve siso — Elle ali está naquelle canto. — E' um idiota — um bugio — um sonambulo — uma panella velha com dous olhos... de gordura! Fatalidade! Eu creio nas existencias anómalas — Aquelle homem estava destinado a ser um vegetal. — Tem toda a configuração d'um quimgombó monstruoso. — E' um verdadeiro filho do seculo, — é irmão gêmeo da pomada d'urso, e da salsaparrilha de Sands! Dão horas, — escutemos. Duas da madrugada! — Vou dormir. Dormir como eu gosto, com uma perna voluptuosamente fóra do lençol, e as mãos escondidas debaixo do travesseiro. — Desce, somno venturoso! Derrama nos meus sentidos o sumo das dormideiras, que ainda não esgotaram os escriptos dos defensores da Montani e da Orsat. Que delicioso é este entrecalar da vida á morte, que se chama dormir!! Os objectos que me cercam vão tomando pouco a pouco fórmulas vaporosas. — A cabeça do Sr. Julião, envolvida no barrete de dormir, parece-me uma pyramede fabulosa! — A luz do meu candieiro floctua diante de meus olhos em mil pontos luminosos, verdes, azues, vermelhos, girando, cruzando-se, encontrando-se, confundindo-se, comgloborando-se, derramando-se depois em fórmulas fantasticas e encriveis. Tudo que me rodeia se move, agita, sobe, eleva-se como um turbilhão celeste, que revolvesse os astros do firmamento n'um cataclysmo horrendo! Uma gargalhada infernal, solta, destacada, retumbou em todo o aposento. — Houve um silencio sepulcral!! — E comessou de surgir d'entre umas larvas medonhas, um vulto incerto, pavoroso, ameaçador e funebre como um leilão de trastes velhos. — Primeiro o collo d'uma monstruosa serpente se agitou nos ares em circonvoluções freneticas — depois foi crescendo... crescendo... crescendo o bojo d'uma terrivel aranha caranguejeira! — O céu e a terra tinham-se fundido n'um cahós — e aquelle instrumento vingador éra uma... *Rabeca*!!!...

PLATÃO.

AO ORSATISTA.

De todos os jornaes theatraes que por ahi se publicam, com censo commum ou sem elle, o unico que nos merece uma discussão séria, e já o dissemos, é o *Orsatista*. Comtudo, é preciso que elle saiba respeitar as nossas convicções, para que nós da mesma maneira respeitemos as suas.

Quando em um dos nossos numeros passados fizemos uma pequena analyse do drama, ou como lhe quizerem chamar, que se representou no theatro de S. Francisco, intitulado—O Peregrino Branco—apenas advertirá-mos algumas advertencias á Sra. Orsat. Advertencias, que ella propria nos deve levar em conta; pois foram filhas do interesse, que tomamos pelo seu adiantamento na arte a que se dedica, e não movidas por acintosa contrariedade. Notamos-lhe apenas defeitos geraes, de que a Sra. Montani não está mesmo muitas vezes isenta. Com isto não illudimos a verdade, não lhe compromettemos a sua reputação como artista, não lhe negámos o seu merecimento, nem contrafizemos o seu character. O *Orsatista* não usou da mesma generosidade para com nosco, quiz deprimir sem fundamento nem motivo algum, o desempenho com que a Sra. Montani se houve na execução do papel que lhe coube neste drama. Foi injusto.

Chamar ridiculo á naturalidade, é uma asserção que o bom censo regeita, é inverter todas as regras do raciocinio, e arvorar o sophisma no lugar da razão! Desejámos nunca ver empregados estes meios entre escriptores que se batem com lealdade, e deixam o campo das mesquinhas lutas para aquelles que só vivem da calumnia, da impudencia e da ignorancia. Com esses não temos nós nada a tratar. Seria exigir-mos d'elles um myster para que não nasceram. A intelligencia do homem póde contemplar as maravilhas do universo, e elevar-se pela meditação ao seio do infinito; mas um prego fez-se para uma táboa, e a materia está sujeita ás leis invariaveis da inercia e da corrupção. Deixal-os.

Nós, porém, que nos medimos n'outra arena, que sahimos a campo ao menos com a consciencia das nossas opiniões, devemos affastar-nos d'um caminho que nos não compete, e estabelecer por uma vez e sem temor, as bases das nossas doutrinas, sem perder-

mos o tempo em declamações inuteis. São tantos os objectos de discussão que se apresentam ao nosso espirito, que duvidamos na escolha. Qual é dentre as tres escolas d'Alemanha, França, ou Inglaterra, a que poderá ter uma applicação mais vantajosa para o Brasil? Quaes são as qualidades mais indispensaveis para que um artista possa attingir o maior gráo de perfeição? De que maneira póde influir o theatro sobre uma sociedade nascente? Como deve ser avaliado um drama, pela arte, ou pelo sentimento? Qual é a verdadeira escola da declamação, e quaes são entre nós os actores que melhor a comprehenderam?

Não seria mais proveitoso discutir-mos qualquer destes pontos, do que ficarmos marcando o passo neste terreno plano em que não ha vencedor nem vencido?...

Maximas e pensamentos moraes.

Os olhos d'um anjo deificam o genio, e o fazem andar á roda como um burro na atafona.
Newton.

Todos os noivos soffrem da vista um mez antes de casar.
Descartes.

As estrellas são bolachinhas no banquete do sol.
Galileo.

Pode-se ter um cavallo sem ser de cavallaria.
Napoleão.

Os noivos do que mais se lembram antes de casar é d'aquillo que mais se esquecerão na velhice.
Adão 1.º

Namorar! namorar! namorar! Eis a missão do homem na terra!!
Platão.

A *Rabequinha* transformou-se n'um san-deiro! Esta methamorphose não é nova para ella, e julgamos mesmo que não será a ultima! Comtudo se ainda vivesse o padre José Agostinho de Macedo, podíamos affiançar-lhe um lugar distincto no Poema dos Burros! Em quanto ao mais... o lugar em que se collocou não permite a entrada de gente cavalheira!... Entenda-nos.

N'UM ALBUM.

Meu irmão, vem a meu lado
P'ra longe das multidões
A recordar o passado,
No meio das solidões;
Que ao poeta na cidade
Morre a crença ante a maldade
Como murcha a pobre flôr:
Ninguém sente, o que sentimos...
Nós, que altivos não pedimos
Um sorriso de favôr.—

Tenho aqui... n'alma um segredo,
Que te preciso contar
— A ti só, que tenho medo,
Que alguém o possa escutar:
O mundo d'elle riria,
Ninguém o compreenderia,
Porque o não pôde sentir,
Porque a alma do poeta
Não tem limite, nem meta,
Que o vulgo possa medir.—

Tenho aqui... n'alma um desejo
De sentimento e de amôr,
Que o não saciára um beijo
Da mais pudibunda flôr:
Nem que a houry mais formosa
Recostasse vergonhosa
A fronte no peito meu,
Eu sentira apagar n'alma
O vulcão que nada acalma,
Que a poesia accendeu.—

E' um desejo profundo,
Que me abrasa o coração;
Que o não pôde lèr o mundo,
Bem que leia esta canção.—
Quem perguntará ás plantas,
Porque tão bellas e tantas
Se ostentão lindas ao vêr?!...
Quem perguntará ás vagas,
Porque vão beijar as plagas,
E beijando-as... vão morrer?...

Ninguém... não... que a flôr no monte
Callaria até morrer;
Que o mar cuspiria a fronte,
De quem n'elle ousasse lèr:
Que lhes foi por Deus imposto
Callarem n'alma o desgosto,
Não dizer o seu condão:—
Tambem eu tenho preceito
De callar d'entro no peito,
O que sente o coração.—

Mas p'ra ti não ha preceito,
E's poeta—has-de entender,
O que sinto no meu peito
Nos meus olhos has-de lèr:
Tu has-de soffrer comigo.
Temos o mesmo castigo
Sem ter crime, sem razão;
Tu has-de entender meus cantos,
Tu has-de guardar meus prantos
No teu nobre coração.—

E quando o sopro da morte
Minha fronte bafejar;
Quando terminar a sorte
De no mundo divagar,
Tu irás sobre essa lousa,
Onde teu irmão repousa
Uma saudade depôr;
Entoar singello canto,
E regar d'amigo pranto
A pobre, singella flôr.—

A. C.

A DOUS DOMINO'S

(Poezia modelo.)

N'um baile ao estrondo de mil instrumentos
Meu rosto sem masc'ra ao mundo mostrei,
As paginas lidas de meus soffrimentos
No livro do rosto a todos contei.

Um anjo formoso de negro vestido
Da côr dos meus zelos, trajando setim
Com masc'ra de neve da côr de minh'alma
Mostrou-me nos olhos um fogo sem fim.

Não era dos vates antigos d'outr'ora
De encantos cercada a Venus pagã
Era a florzinha dobrada nos campos
Surrindo e chorando ao ar da manhã.

Era o sentimento com azas de crepe
Qual anjo terrestre por mim a voar,
O anjo da guarda chorando comigo
Revendo em meu rosto meu negro penar!...

Seu braço de neve guiou-me um instante
— Instantes escassos—, deixou-me por fim,
Irmão dos combates pediu-me o meu anjo
Cedi-lh'o... nem anjo já quero p'ra mim!

Andavão, corrião... segui-os no baile
Fallavão... que fallas?... não posso dizer.
A vida só presta cercada de amores
Embora eu amores não queira mais ter.

Ao som de instrumentos, de luzes ao brilho
De novo e risonho ao baile corri.
De negro vestida risonha uma fada
Falou-me... sorriu-se... eu não conheci!

Occulta em lustrosa nocturna roupagem
Qual manto de nuvens por sobre um rosal,
Um ente travesso com olhos brilhantes
Zombou de meus risos, surriu de meu mal.

Quem era o meu anjo? A fada quem era?
Não quero sabel-o, não quero... não sei,
Julguei-as quaes astes d'um tronco nascidas
Fermosas e tenras irmãs as sonhei.